

# Preconceitos

## Um continente a ser explorado?

Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima,<sup>1</sup> São Paulo

*Portas<sup>2</sup>*  
*Nesse corredor, portas ao redor*  
*Querem escolher, olha só*  
*Uma porta só, uma porta certa*  
*Uma porta só, tentam decidir a melhor*  
*Qual é a melhor?*  
*Não importa qual, não é tudo igual*  
*Mas todas dão em algum lugar*  
*E não tem que ser uma única*  
*Todas servem pra sair ou para entrar*  
*É melhor abrir para ventilar*  
*Esse corredor...*

Ao dar início à escrita deste ensaio, percebo que sou visitada por emoções de matizes os mais diversos. Uma hora é a curiosidade que vem acompanhada de alegria e entusiasmo. Esse ânimo vai arrefecendo... surge certo abatimento, como que antevendo uma árdua tarefa. Na sequência experimento cansaço. Resistência? Penso: resistência a que?

Estaria eu sentindo preconceitos em me debruçar sobre o tema *preconceitos*?

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), membro da atual Diretoria Científica da SBPSP e representante desta diretoria na Comissão Virgínia Bicudo. É paraibana, e paulista por adoção.

2 Letra da música “Portas” de autoria de Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Dadi.

Aflita, recorro aos fiéis e queridos parceiros de escrita: os dicionários. Quem sabe encontro em suas páginas, companhia e algum alento para este desassossego?

Encontro em Aurélio: *sinonímia de repulsão, intolerância, sentimento hostil*. Houaiss fala de *prejuízo, suspeita, superstição*. Continuo a busca. Desta feita, em busca do étimo, da origem: onde estaria a fonte desta palavra? *Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, calcado no francês préconçu*, ensina Da Cunha (2019).

Trabalho psíquico de busca de pensadores para desenvolver pensamentos?

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho”, me lembra Ariano.

Gradualmente os pensamentos – antes à deriva – vão encontrando imagem. Em meu sonho diurno, surge uma máquina de costura bem antiga, de família. Me animo, começo a costura! E alguns dos preconceitos que me habitam, começam a se apresentar...

Que difícil esta experiência. Sugere um continente a ser desvendado: prejuízo, repulsa, suspeita. Vou me dando conta de que o medo – que suspeito seja ancestral – é o elemento comum àqueles preconceitos que consigo acessar. Então, vem a indagação: estarei eu com medo daquilo que rechaço em mim mesma e *vejo* posto no outro?

“Narciso acha feio o que não é espelho” (Veloso, 1978).

Com base nessas vivências, aprendo que os preconceitos são vazios de experiências. Eles “pulam” a experiência e dão lugar a uma teoria que, de nada mais serve do que tentar preencher tal vazio, estreitando assim, a vida psíquica. Exemplificando, se uma pessoa tem preconceito contra estrangeiros, antes mesmo de se relacionar com um estrangeiro e de ter uma experiência com uma pessoa “de fora” ela já lança mão de uma teoria, tal como: *eles são perigosos!*

Mas, o corredor começa a ventilar quando outras portas são abertas: a porta do interesse e da curiosidade genuínas, por exemplo.

É quando novas costuras vão acontecendo: a costura do medo com a coragem, a da arrogância com o desamparo, a da raiva com a aceitação.

Agora, ocupada com o acabamento desta escrita, lembro de Machado de Assis (1878/2015) que com seu conto “O elogio da vaidade” costura com maestria a vaidade com a modéstia, numa bela exploração deste continente complexo onde habitam os nossos preconceitos.

Diz ele:

Que eu sou a Vaidade, classificada entre os vícios por alguns retóricos de profissão. Não olheis para este gorro de guizos, nem para estes punhos carregados de braceletes, nem para estas variegadas com que me adorno. Não olheis, digo eu, se tendes o preconceito da Modéstia; mas se não o tendes, reparai bem que estes guizos e tudo mais, longe de ser uma casca ilusória e vã, são a mesma polpa do fruto da sabedoria; e reparai mais que vos chamo a todos, sem os biocos e meneios daquela senhora, minha mana e minha rival. (Assis, 1878/2015, n. p.)

#### Referências

- Assis, M. (2015). Elogio da vaidade. In A. Leite et al. (Orgs.), *Obras completas*. Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1878)
- Da Cunha, A. G. (2019). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Nova Fronteira.
- Veloso, C. (1978). Sampa. *Muito (dentro da noite azulada)*. Philips.

Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima  
giovannaamlima@gmail.com